

Lula super-herói

Por que o modelo de desenvolvimento brasileiro faz tanto sucesso lá fora

Copenhague, final da tarde do dia 3 de setembro de 2009, os termômetros marcam 14 graus Celsius. Para europeus do norte, uma temperatura ainda amena, mas para brasileiros, um frio do cão que pede luvas para proteger as mãos. Dentro do prédio do Congresso, uma alegre comemoração brasileira, cujo protagonista central, aos olhares severos e frios dos europeus, parece não caber mais em si em seu êxtase transbordante.

Minutos antes, a 121ª Assembleia do Comitê Olímpico Internacional acabou de anunciar a cidade-sede dos Jogos Olímpicos de Verão de 2016: o Rio de Janeiro, desbancando Chicago, Tóquio e Madri. Nos minutos que se seguem à decisão, todas as regras do protocolo são quebradas, conforme registra a mídia. “Quando o presidente do COI, Jacques Rogge, pronuncia a palavra Rio de Janeiro e vira a placa, uma explosão de alegria do lado brasileiro. Lá está Lula pulando como um torcedor qualquer, abraçando todos, chorando como se fosse uma criança. Imediatamente tenta partir em direção à delegação espanhola. Não consegue. É bloqueado, como num jogo de futebol americano. Mas fura o bloqueio. Sob o comando de Lula, a comemoração brasileira em Copenhague vira carnaval baiano”, relataram repórteres brasileiros que presenciaram o êxtase de Lula naquele dia, que mais tarde ele chamaria de “o dia mais feliz da minha vida”. E Lula parecia não se cansar de pular.

“Lula e Pelé comemoram o gol da Olimpíada juntos, bandeira do Brasil nas costas. Juntam as lágrimas. Arrastam mais uma multidão. Lula para e faz questão de abraçar Juan Antonio Saramanch, 89 anos, ex-presidente do COI e artífice da candidatura de Madri, sentado no meio do tumulto. Dá um beijo na testa dele. (...) Meia volta. Lula arrasta a turba de novo. Começa a cantoria: *Cidade maravilhosa cheia de encantos mil...*”, relatam os repórteres do portal Terra.

Na coletiva de imprensa logo em seguida, Lula não consegue mais se segurar de alegria e chora durante alguns minutos sob os holofotes das câmaras. A manchete do jornal alemão *Süddeutsche Zeitung* anuncia em letras garrafais: *Quando homens choram*, e estampa as fotos dos políticos brasileiros, um por um, no momento da emoção¹.

O portal de notícias *Terra* descreve que o presidente do COI não conseguia acreditar no que se passava. E nem tinha visto tudo ainda. A coletiva de Lula

1 *Süddeutsche Zeitung*, 2 de setembro de 2009.

no COI, segundo o portal *Terra*, rompeu com todos os costumes e todas as regras do protocolo. Lula chorou, riu, brincou e até ironizou os perdedores, mas aparentemente ninguém ligou. Lula pode fazer isso. E quando no final, anunciou que “depois de 2016 vamos nos candidatar para os Jogos Olímpicos de Inverno”, Lula conquistou definitivamente a todos.

“Falo com todo mundo, sou amigo de todo mundo”

Três meses mais tarde, novamente em Copenhague. Os termômetros caíram sensivelmente. Conforme Lula contaria em entrevista à revista *The Economist*, em dezembro de 2009, durante as negociações sobre mudanças climáticas na capital dinamarquesa, quem pediu para sentar ao lado do presidente norte-americano não foi ele, e sim o próprio Obama. “Ele disse: ‘Quero sentar ao lado do meu amigo Lula’”². Em Copenhague – onde, segundo suas próprias palavras, estava-se discutindo nada menos do que “a salvação do mundo” – Lula tratou as negociações em torno de compromissos de redução de emissões de CO₂ com muito mais seriedade do que muitos outros participantes presentes. Ainda antes da cúpula sobre o clima em Copenhague, o Brasil de Lula assumira uma posição de vanguarda entre os países emergentes, comprometendo-se unilateralmente a diminuir suas emissões até o ano de 2020 entre 36,1% e 38,9%, bem como reduzir o desmatamento na Amazônia em 80%. Sem dúvida, um objetivo ambicioso, que Lula transformaria em lei no início de 2010.

“Precisávamos conversar seriamente. Bem, tentamos. Particpei de reuniões até as 4h da madrugada, algo que eu não fazia mais desde os meus tempos de sindicato. Em um dado momento, eu chamei a China, a Índia e a África do Sul e disse: agora vamos tomar uma decisão. Não vai haver acordo. Foi quando Obama concordou em conversar conosco”³, disse Lula em entrevista à *The Economist* na edição de 30 de setembro de 2010. Ele está profundamente convencido de que conversar e negociar está na base da busca de solução política.

“Alguém precisa conversar. Eu converso com todo mundo, sou amigo de todo mundo. Eu conversarei com todos, serei amigo de todos. Não faço distinção segundo meus relacionamentos pessoais. Como chefe de Estado, mantenho relações cordiais com o mundo inteiro. Não trato ninguém como sendo de segunda classe”, foi como Lula explicou à *The Economist* a sua visão de política. “Em política, você não pode relaxar e pensar: ‘Não vou conversar com ninguém, meus assessores podem fazer isso’. Isso não é jeito de fazer política. Já foi o tempo em que Stálin, Churchill e Roosevelt sentavam em torno de uma mesa, mandavam vir um bom conhaque, um bom uísque e tomavam decisões e resolviam os problemas do mundo. Hoje tem muito mais gente, mais lideranças e uma maior massa de apoio, e por isso é preciso haver mais política, mais conversa.”

2 *The Economist*, 30 de setembro de 2010.

3 *Ibid.*

“Conversar” enquanto verbo que não significa falação de político, e sim conversar com um interlocutor, negociar a fim de chegar a um acordo – esta talvez seja a maior profissão de fé de Lula. Para ele, política significa conversa. Se alguém fosse lhe pedir um conselho essencial, disse Lula à *Economist*, seria este: “Não terceirizem a política!”. Política é conversar; e conversar é fazer política. Segundo testemunhas oculares confiáveis, em seu tempo de líder do sindicato de metalúrgicos do ABC paulista, Lula sempre guardava uma garrafa de 51 no armário atrás de sua mesa de trabalho. Ela era aberta no início da entrevista e ia sendo esvaziada no curso da conversa. “Sociabilidade na conversa animada”, assim talvez se possa descrever o estilo de Lula de fazer política e de debater.

E foi provavelmente essa animação que o Lula chefe de Estado deve ter passado para os que o rodeavam, contaminando-os até mesmo com sua euforia. Participantes do Fórum Social Mundial de Porto Alegre de 2003 lembram (independentemente uns dos outros) de suas impressões quando Lula discursou para milhares de pessoas e fez cada um se sentir como se tivesse o privilégio de participar de uma animada roda de bate-papo com o presidente brasileiro. A capacidade de Lula de dar a uma fala o caráter de uma conversa, aliada a seu indiscutível talento de animador⁴ (“Lula, o animador”, como o jornal *Süddeutsche Zeitung* o descreveu recentemente, em 5/3/2012) – esta mistura, aparentemente acima de qualquer suspeita, torna-o tão simpático.

“O presidente mais popular do mundo” abusa da cordialidade, mas também usa os cotovelos

Na cúpula do G-20 em Londres, em abril de 2009, o presidente americano Barack Obama não poupou elogios a Lula. Dirigiu-se a ele, apertou suas mãos diante das câmeras e enfatizou: “Este é o cara. Adoro este rapaz. É o político mais popular do mundo”⁵. O *New York Times* conferiu a Lula o “status de um dos porta-vozes mais poderosos do mundo em desenvolvimento” para logo depois voltar a falar de sua fama, mas sem omitir um recado subliminar: “Ele tem sido chamado de presidente-Teflon, o presidente mais popular do mundo, um líder que sobreviveu a um escândalo após o outro, enquanto atingia novos recordes de popularidade”⁶.

E, no entanto, na semana anterior, no final de março de 2009 – quando as ondas do tsunami financeiro já estavam varrendo o mundo havia vários meses e um pacote de socorro para os bancos sucedia outro a cada novo estremecimento da crise – muitas testas se franziram no exterior quando Lula disse em Brasília, diante do premier britânico Gordon Brown, que a crise econômica fora “causada pelo comportamento irracional de brancos de olhos azuis que pareciam saber tudo antes e agora revelam não saber nada”. A segunda parte da oração é correta, mas a primeira foi criticada, ele não deveria ter se expressado daquela maneira.

4 *Süddeutsche Zeitung*, 5 de março de 2012.

5 *New York Times*, 2 de abril de 2009.

6 *Ibid.*

Para o *New York Times*, Lula estava prestes a se expor a acusações de racismo, mas a reação foi fraca. O exterior fez vista grossa até mesmo a essa pisada na bola.

Lula continuava numa onda de sucesso que parecia não acabar mais. “Lula superstar” estampou o *Süddeutsche Zeitung*. “Lula superstar”⁷ virou um bordão nos jornais europeus e foi adotado por outros meios de comunicação (entre outros, *Der Spiegel*, 21/2010, bem como canais de TV abertos e privados). E assim continuou sendo ao longo de 2010.

Enquanto, em 2010, a crise econômica e financeira continuava se alastrando, a empresa estatal Petrobras realizou o maior aumento de capital de todos os tempos, em um volume de cerca de 58 bilhões de euros. Depois do aumento de capital, um Lula nem um pouco modesto se revelou em nova entrevista à *The Economist*: “Vejam como o destino sorriu para mim. Um socialista inveterado quando era líder sindicalista, eu serei o presidente que participou da maior capitalização jamais vista. Não foi Bill Gates, não foi Soros, não foi nenhum grande empresário – foi um metalúrgico. Quando as pessoas dizem que sou sortudo, eu digo: sim, é verdade, sou mesmo, acho que tem uma mão de Deus aí”. Para observadores externos, ainda mais de regiões secularizadas, essa menção à influência divina pode parecer estranha. Mas para brasileiros, ainda mais do Sertão Nordestino, onde Lula nasceu e se criou, é mais do que natural e não levanta suspeitas sobre uma certa autoconfiança.

Mas em 2010, ano em que tudo parecia dar certo para Lula e sua reputação internacional não tinha limites, também houve golpes duros. Quando, em maio, junto com a Turquia, Lula tentou fazer com que o Irã enviasse seu urânio para ser enriquecido naquele país, Lula foi excessivamente autossuficiente. Durante visita oficial em Moscou, ele estimou as chances de sucesso do acordo iraniano em “9,9 de 10”⁸. As negociações fracassaram. Washington acusou Lula de ingenuidade. O troco foi dado em entrevista à *The Economist* mais tarde, acusando o então Grupo de Viena (EUA, França, Grã-Bretanha, Rússia, China e Alemanha) de não manterem a palavra.

Para o *New York Times*, antes de se passar um ano já estava claro que Lula estava usando os cotovelos no nível diplomático⁹. Observadores dos EUA começaram a atribuir uma certa arrogância a Lula. Em Washington, ganhava terreno a certeza de que aquela gestão diplomática de Lula era “produto da tremenda autoconfiança de Lula, que acredita ser um mágico que pode operar milagres e conseguir o que outros tentaram e não conseguiram,” teria dito, segundo o *New York Times*, o presidente do Inter-American Dialogue Centers de Washington, Michael Shifter. E mais: “Mr. da Silva vê as negociações do Irã como forma de enfrentar o domínio americano e alavancar a emergência do Brasil como um *player* importante no cenário internacional”¹⁰. Para o *New York Times*, não havia dúvida: “O fantasticamente popular Mr. da Silva desafiou os Estados Unidos em

7 *Süddeutsche Zeitung*, 3 de dezembro de 2009.

8 *New York Times*, 14 de maio de 2010.

9 *New York Times*, 23 de setembro de 2009.

10 *New York Times*, 14 de maio de 2010.

tudo, de comércio e mudanças climáticas até o golpe hondurenho do ano passado e o longo embargo de Washington contra Cuba”.¹¹ A verdade é que, no Brasil, um certo antiamericanismo – e, de maneira mais geral, um ímpeto anti-imperialista – não é nem raro, nem totalmente incompreensível por experiência histórica. Visto por esse ângulo, compreende-se talvez certa atitude de escárnio de Lula em relação à crise nos países do Norte. Desde o início de 2009, foi possível sentir a desconfiança dos círculos internacionais – em primeira linha, de Washington – da fama de Lula como presidente do Brasil e “líder dos BRICS”. “O desejo do Brasil de ser considerado um dos grandes poderes econômicos é parte da frustração de Lula”, disse Johanna Mendelson-Forman do Programa Américas do Center for Strategic and International Studies ao *New York Times*.

A desconfiança que surge devido à nova forma autossuficiente de o Brasil se apresentar é também consequência de uma certa frustração própria. Dessa forma, Johanna Mendelson-Forman continua: “É como se ele dissesse: ‘Agora consegui fazer do Brasil um poder econômico e o mundo desaba’”¹². Lula provavelmente corroboraria a primeira metade da frase, enfatizando-a com orgulho. E o expressou de sua forma na entrevista à *The Economist*: “Começamos a nos amar, não temos mais complexo de inferioridade”.

Apesar desses atritos durante o ano, a fama de Lula parecia ter chegado ao pico: a revista Time elegeu Luiz Inácio Lula da Silva como “o líder mais influente do mundo” de 2010. Houve até boatos dando conta de que Lula almejava nada menos do que o posto de secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), mas Lula nunca os comentou. A esta altura, é preciso perguntar: De onde veio esta forte imagem de super-herói construída no exterior e em que contexto isso de seu?

Quando o “ex-metalúrgico barbudo” assumiu o leme do Titanic

Nem sempre Lula gozou de uma reputação tão unânime. Em novembro de 1989, seis dias depois da queda do Muro de Berlim, ele foi o candidato-surpresa da esquerda que, contra todos os prognósticos eleitorais, conseguiu 16,08% dos votos no segundo turno da eleição, contra Fernando Collor de Mello (28,52% dos votos). Na imprensa europeia, Lula ganhou apelidos como “bicho-papão da burguesia”¹³, “líder trabalhista da esquerda radical”¹⁴, “candidato da esquerda quase-marxista”¹⁵ ou “ex-metalúrgico barbudo”¹⁶, com uma retórica repleta de “instrumentos de tortura dos arquivos de grupos esquerdistas europeus”¹⁷. O jornal francês Le Monde disse que o PT de Lula era *gauche radicale*, esquerda

11 Ibid.

12 *New York Times*, 2 de abril de 2009.

13 *Handelsblatt*, 2 de novembro de 1989.

14 *Süddeutsche Zeitung*, 19 de novembro de 1989.

15 *Handelsblatt*, 26 de setembro de 1989.

16 *Süddeutsche*, 12 de dezembro de 1989.

17 Ibid.

radical¹⁸, cujos “cavalheiros da esperança socialistas”¹⁹ estavam reunidos em um partido “altamente ideologizado”²⁰.

A mídia brasileira ainda aumentou essa imagem de Lula durante o embate eleitoral de 1989. O magnata da imprensa Roberto Marinho, dono do maior grupo de comunicação do Brasil, *Organizações Globo*, declarou guerra a Lula e ao PT, sem temer lançar mão de manipulações. Logo, Lula perdeu contra seu concorrente Collor no segundo turno eleitoral. Voltou como candidato presidencial em 1994 e em 1998, mas perdeu ambas as eleições para Fernando Henrique Cardoso.

Lula passou por uma visível transformação. Passou a se apresentar de maneira mais moderada, trocou o pulôver pelo terno e adotou uma postura de chefe de Estado. Substituiu o slogan “Sem medo de ser feliz”, de 1989, por “A esperança venceu o medo” em 2002 – e eis que era chegada a hora de Lula e do Partido dos Trabalhadores.

Naquele ano eleitoral de 2002, o Brasil foi duramente castigado. Meses antes, a derrocada da Argentina fizera manchetes e os tremores tectônicos do colapso argentino ameaçaram arrastar o Brasil para o precipício. Ao longo de alguns meses, o real perdeu 40% de seu valor contra o dólar. A taxa de inflação estava em 25,3% e, diante do crescimento do “ex-metalúrgico barbudo” nas pesquisas, começou uma fuga de capital de US\$6 bilhões nos três meses que precederam a eleição. Na época, Luiz Dulci, assessor político de Lula, taxou esse processo de “ato de terrorismo financeiro”.

Quarenta e cinco milhões de brasileiros e brasileiras viviam então em pobreza extrema. Ao mesmo tempo, o país se digladiava com o FMI em torno de novas linhas de crédito enquanto a dívida externa estava em US\$210 bilhões. Em agosto de 2002, o FMI mandou um recado inequívoco para o Brasil, condicionando a liberação de qualquer nova parcela de crédito à confirmação do compromisso dos candidatos presidenciais com reformas econômicas e as condições de crédito do FMI. Diante disso, não admira que o *Financial Times* resumisse na véspera da eleição de 2002: “Todos os sinais de uma moratória potencial são visíveis: uma crescente carga da dívida pública, altas taxas de juros de curto prazo, baixo crescimento, uma moeda em rápida desvalorização e uma perda internacional de confiança. Diante das atuais taxas de mercado, até um otimista admitiria que o Brasil está insolvente.”

O legendário investidor George Soros tampouco acreditou em Lula. Vaticinou ataques especulativos contra o real, caso Lula ganhasse as eleições e profetizou que um futuro governo Lula se veria obrigado e declarar a moratória da dívida. “Na Roma antiga, só votavam os romanos, no capitalismo global moderno, só votam os americanos, não os brasileiros”, resumiu Soros. A reação brasileira não tardou. Lula ganhou tanto o primeiro turno no começo quanto o segundo turno

18 *Le Monde*, 18 de novembro de 1989.

19 FAZ, 19 de junho de 1989.

20 El País, 18 de novembro de 1988.

de 27 de outubro de 2002. Com cerca de 53 milhões de votos, obteve 20 milhões de votos a mais que seu adversário do PSDB, José Serra.

Depois da eleição, o *The Guardian* britânico se mostrou cético em relação às perspectivas de Lula²¹: “Lula encara o dilema de ter que enfrentar o descontentamento popular, enquanto tenta, ao mesmo tempo, restaurar a confiança dos investidores [...] Não há nada que Lula possa fazer para garantir a confiança do mercado. Não importe se ele ameniza sua fala ou veste ternos, os analistas sempre o verão como líder do maior partido esquerdista da América Latina.”

Ao assumir o cargo, em 2003, Lula tinha plena consciência de que a situação do Brasil era crítica e que o país estava à beira do precipício. Comparou a situação do Brasil ao Titanic: “O iceberg do Titanic foi afastado e os buracos foram tapados e bem soldados”, disse, ao avaliar o primeiro ano do mandato em dezembro de 2003. Tinha consciência de que podia errar menos na sua gestão do que seus antecessores. “Não posso errar”, declarou Lula durante o Fórum Social Mundial em Porto Alegre, em janeiro de 2003. “Não posso errar porque não fui eleito pelo apoio de um canal de televisão, não fui eleito pelo apoio do sistema financeiro, não fui eleito por interesses dos grandes grupos econômicos.” Antes da eleição de 2002, em sua *Carta ao Povo Brasileiro*, Lula dissera que o Brasil teria que se transformar e que alcançaria êxitos e conquistas. Ele pedia nada menos do que um novo contrato social para o país.

A “receita de Lula”: juntar os opostos

Oito anos mais tarde, Lula se despediria do Palácio do Planalto em Brasília com uma taxa de popularidade de mais de 80% – segundo os institutos de opinião, algo inédito no Brasil. E na eleição da sucessão de Lula, os outros candidatos mal ousaram propagar uma alternativa política ao seu modelo. Quase todos concorreram como candidatos que queriam continuar a política de Lula. Sua popularidade era tão grande que seu voto aberto – na visão de interpretações nacionais e internacionais – abriu o caminho ao palácio presidencial para sua candidata preferida, Dilma Rousseff. Desde janeiro de 2011, Dilma é a primeira mulher a ocupar o cargo de presidente do Brasil, e cujos índices de popularidade no primeiro ano de governo (59%) até suplantaram os de Lula no início de seu tempo no Planalto (42%). Mas quais foram os motivos do sucesso do governo Lula durante esses oito anos?

O ponto de partida, ao assumir o governo em 2003, foi a aliança forjada por Lula e o PT com um sem-número de partidos diferentes que formaram a chamada base governista. Cargos ministeriais foram ocupados com naturalidade tanto por comunistas convictos quanto pelo empresário da área têxtil, José Alencar, o novo vice-presidente. Fazer alianças eleitorais para governar até mesmo com partidos conservadores e personalidades do outro lado do espectro político não foi nada

21 *The Guardian*, 4 de novembro de 2002.

estranho para Lula. O PT aceitou aquilo porque tinha uma visão política de longo prazo e conhecia o modo bem peculiar de como funciona a política no Brasil. Nisso tudo, Lula conseguiu mediar entre interesses e posições conflitantes, negociar, integrar e sentar os adversários em torno de uma mesa. Ao mesmo tempo, quando o assunto era muito candente e delicado, ele simplesmente esperava até tudo se resolver.

Só a partir dessa perspectiva é possível compreender os momentos aparentemente tão contraditórios de seu governo. Lula pretendia acabar com a fome no país em quatro anos através do programa *Fome Zero*, mas depois de um ano admitiu que não poderia cumprir a meta. O bem-sucedido e altamente elogiado programa Bolsa Família permitiu um modesto apoio financeiro de R\$95 por mês (em média) a cerca de 13 milhões de famílias – mas Lula ficou devendo ao país o “novo contrato social”. Promoveu a pequena agricultura familiar através dos microcréditos governamentais do Pronaf ou da aquisição de produtos locais para a merenda escolar pela Conab – mas, por outro lado, apoiou mais ainda o agrobusiness com suas imensas monoculturas. O Ministério do Desenvolvimento Agrícola, sempre em mãos da esquerda, apoiou os pequenos camponeses, enquanto o Ministério da Agricultura, dominado pelos conservadores, protegeu os grandes agricultores. Lula quis dar mais direitos, mais cidadania e maior participação aos pobres, mas colocou inúmeros megaprojetos, como barragens, oleodutos, transposições de rios, projetos de mineração, siderúrgicas e refinarias no topo da agenda de apoio governamental, atingindo duramente os moradores locais, que em suas precárias condições de vida se viram expostos ao surto de modernização decretada de cima para baixo. Uma das principais metas de Lula foi acabar com o desmatamento na Amazônia – por outro lado, ele promoveu a exportação de carne. Outra foi reduzir a violência e a criminalidade junto com os respectivos estados através de programas e medidas. Cidades como o Rio de Janeiro têm sido elogiadas no exterior por sua “política de pacificação” – já os moradores das favelas se queixam muitas vezes da falta de resultados. A ideia era combater a criminalidade ligada às drogas – mas em muitos lugares a polícia está entranhada nas estruturas mafiosas das milícias locais, aumentando o sofrimento da população. Lula tentou envolver os sindicatos – mas não quis confrontar o empresariado. Aumentou o salário-mínimo de maneira gradual e sustentável (em janeiro de 2003, era de R\$200 e no final de 2010 estava em R\$510, um incremento de mais de 150% – mas no mesmo período os ganhos da Bovespa superaram 500%. O PIB subiu 4% em média de 2003 a 2009, atingindo até 7,5% em 2010 – mas a produtividade continua baixa em comparação com outros países. A reforma agrária, uma das principais promessas eleitorais, foi adiante bem mais lentamente do que no governo anterior. Quis promover os direitos humanos e abriu novos espaços para a sociedade civil – mas sem ter que pagar um pedágio muito alto. Quis rever a ditadura militar (1964-1985) – mas não privou os militares de seus tradicionais direitos e espaços. Os créditos do FMI e da dívida externa e seus juros foram servidos, de maneira que, em 2008, Lula pudesse orgulhosamente anunciar ao mundo que o Brasil não tinha mais dívidas

líquidas com o FMI, tendo se tornado um credor líquido. As reservas em divisas do Brasil cresceram de US\$40 bilhões em 2002 para US\$290 bilhões no final de 2010. Enquanto isso, a dívida externa deu lugar a uma dívida interna crescente, que no final de 2010 estava em R\$1,6 trilhão. Durante a gestão de Lula foram criados mais de 10 milhões de novos postos de trabalho, a taxa de desemprego caiu de 10,5%, no final de 2002, para 6,7%, no fim de 2010 – mas na questão da distribuição justa da riqueza social, o Brasil continua entre os últimos lugares. Nos oito anos de governo, segundo o IBGE, cerca de 25 milhões de brasileiros conseguiram migrar para a chamada classe média baixa, enquanto estimativas indicam que as mesmas 10 mil a 15 mil famílias continuam recebendo a parte do leão dos US\$ 120 bilhões anuais como pagamento pelo serviço da dívida.²²

Em sua análise do governo Lula, o historiador britânico Perry Anderson ressalta que Lula “imaginou, a partir da identificação social, que o Estado brasileiro podia se dar ao luxo de ser mais generoso com os mais pobres, de uma forma que faria uma diferença substancial para suas vidas. Mas essas concessões vieram sem custo para os ricos ou mais confortáveis que de toda maneira se beneficiaram muito durante todos aqueles anos. Poderíamos perguntar: Isso realmente importa? Não equivaleria justamente à definição do mais desejável de todos os resultados econômicos, o “ótimo de Pareto”?²³ O próprio Lula enxergou a situação da seguinte maneira: “Veja, eu que fui líder sindical por tanto tempo, penso que estamos vivendo o momento mais importante de harmonia entre capital e trabalho”, disse na entrevista à *The Economist*.

Redistribuir o bem estar – e sem tocar no bem-estar dos ricos e prósperos. Face à demanda da economia mundial extremamente favorável ao Brasil, este “ótimo de Pareto” parecia possível. E tudo isso associado à fé de Lula na conversa, na integração, na negociação e, quando necessário, no compasso de espera. Esse era o seu mote. E funcionou bem. O escândalo de corrupção do mensalão abalou o seu governo até a medula em 2005, cabeças rolaram na política e a oposição já estava farejando um segundo processo de *impeachment*, como o que derrubou Fernando Collor de Mello em 1992. Mas Lula foi protegido, ficou sentado em sua cadeira presidencial, o escândalo em torno de nota de dólar em malas e cuecas passou – e mal respingou nele.

Segundo estimativas, o caixa 2 do mensalão abasteceu cabeças coroadas do PT com cerca de R\$27 milhões para a compra de votos de deputados de outros partidos a fim de fazer maioria no Congresso para conseguir aprovar projetos de lei. Quem acompanha a política brasileira ao longo dos anos pode tentar entender o sistema, no sentido de compreender o que estava acontecendo. Muitos dos eleitores se chocaram com o fato de que o PT, que sempre vendeu uma imagem de partido limpo, tenha aceitado essa compra de votos, e se chocaram também com as somas estratosféricas envolvidas. Perry Anderson explica isso como sendo uma espécie

22 Estimativas cit. Cf. Perry Anderson: "Lula's Brazil". London Review of Books, v. 33, n. 7, 31/3/2011.

23 Ibid.

de “prêmio-trabalhador” (*workers’ premium*): “Com menos deputados e menos amigos espontâneos no Legislativo, o PT tinha que subornar em uma escala maior a fim de obter maioria no Congresso. Talvez pudéssemos falar de uma espécie de prêmio-trabalhador, tanto no que se refere à corrupção quanto à desinflação: uma necessidade de satisfazer o FMI com um superávit primário maior, de manter a economia estável, de extrair mais do que o possível e distribuir dinheiro de caixa 2 com a finalidade de ganhar poder”²⁴. Os principais acusados no escândalo do mensalão nunca deixaram dúvida na direção do fluxo de dinheiro, quem dava e quem recebia. “Eles agiram sem obter vantagens pessoais, simplesmente pelas necessidades da causa”, foi como Perry Anderson assinou embaixo das ações e intenções dos responsáveis pelo mensalão. No Brasil, há uma expressão bem conhecida sobre políticos e corrupção: “Rouba, mas faz”. Nesse caso, teria-se tentado atribuir uma inversão do provérbio aos artífices do mensalão no PT, do tipo “Eles fizeram, mas não roubaram?”. Não – mas talvez sim, também. O escândalo do caixa 2 do mensalão chocou muitos dos companheiros antigos de Lula, muitos de seus eleitores, principalmente na classe média de esquerda que sempre enxergou no Partido dos Trabalhadores a alternativa moral para o velho sistema político. Isso teve consequências interessantes para a eleição de 2006 no segundo período de governo de Lula. “Alienado pelo mensalão, grande parte do eleitorado de classe média que apoiara Lula em 2002 desertou”, diz Anderson. Mas o escândalo do mensalão pelo jeito chocou menos as camadas mais pobres da população: “Os pobres e os mais velhos votaram nele em números maiores do que nunca”, constatou Anderson. Pelo jeito, para os pobres no Brasil contou mais o impacto da política de combate à pobreza de Lula para a sua situação de vida com a melhoria real da renda.

Pois enquanto o *mensalão* abalava profundamente o governo, o PT e seus seguidores, Lula, que estava sendo protegido apesar de infundáveis tentativas de derrubá-lo, concentrava-se em outras coisas. Mandou tocar uma política econômica e financeira ortodoxa com cortes nos orçamentos, pagamentos do serviço da dívida e política de juros altos. A partir de 2004, com a demanda mundial por recursos naturais, apostou em um modelo de desenvolvimento decididamente orientado pelo crescimento, apoiado em um paradigma de recuperação do tempo perdido da industrialização mais energia. Com impostos mais altos e cortes de despesa, o governo obteve superávits primários que, por sua vez, eram utilizados através de programas sociais como Fome Zero ou Bolsa Família para o combate à pobreza e à fome. Um dos marcos na área social foi a entrada dos trabalhadores rurais no sistema de previdência social, mesmo que durante décadas de trabalho informal nunca tivessem contribuído. Assim, a política econômica favorável aos investidores de um governo atento para os problemas sociais veio acompanhada de nítidos aumentos do salário-mínimo, bem como a expansão massiva da concessão de créditos baratos. Isso gerou um considerável aumento do poder aquisitivo da população mais pobre, mas a parte do leão dos meios financeiros

24 Ibid.

continuou fluindo para o *agrobusiness*, os produtores de commodities, bem como os detentores de títulos da dívida pública.

Observadores descreveram este modelo de governo e política como “o sistema Lula”. Do ponto de vista macroeconômico e diante do pano de fundo de uma nítida demanda por matérias-primas brasileiras no mundo todo, incluindo a China, o Brasil estava se dando muito bem com este “sistema”.

Paralelamente à ascensão econômica, que também tem seus lados negativos e seus perdedores, operou-se no nível internacional, quase em sincronia, uma transformação igualmente radical na imagem midiática, que passou de ex-metalúrgico para presidente festejado. Surgiu a imagem de um presidente que durante os oito anos de governo evidentemente alcançou vitórias no país e no palco internacional, e para quem ninguém mais franziu a testa. Quando Lula falou no Fórum Econômico Mundial em Davos de 2010 – por meio de discurso lido pelo seu ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, já que teve de cancelar sua participação pouco antes por motivo de saúde – em sua qualidade de *cidadão do mundo* para a elite econômica reunida, ninguém entre os poderosos e influentes torceu a cara. Ao contrário: a elite de Davos estava sorvendo suas palavras. Quando ele falou de criar um “outro mundo”, Davos aplaudiu o “superstar” que antes apelidara com desprezo de “ex-metalúrgico barbudo”.

O “sistema Lula”, que desde a posse em 2003 era atentamente observado no exterior, rapidamente ganhou o consentimento de influentes meios de comunicação, a chamada *influential media*. “Praticamente desde o início, a *The Economist* e o *Financial Times* ronronavam com admiração pelas políticas simpáticas ao mercado e as perspectivas construtivas do governo Lula, contrastando-o com a demagogia e a irresponsabilidade do regime de Chávez na Venezuela. Nenhum elogio era suficientemente alto para o estadista que colocou o Brasil em um caminho firme rumo à estabilidade e prosperidade capitalistas”, diz Perry Anderson em sua análise *Lula's Brazil*.²⁵

Não existe brilho sem sombras: as vozes dissonantes

O charme e o carisma de Lula, sua “política de nova liderança”²⁶, aliados ao crescimento econômico impressionante do Brasil (já é a sexta potência econômica mundial) fundiram a imagem de Lula e do país e fizeram o *New York Times* resumir: “Ele tem a aura, tem o poder, ele influencia muito”²⁷. Acontece que as formas da *imago* nunca correspondem à essência, e sim à imagem que o observador tem. E é preciso admitir que isso também se aplica a esse texto.

Mas vale a pena atentar para as vozes dissonantes que sempre existiram no coral aparentemente uníssono do elogio a Lula no exterior. São declarações como aquela sobre a crise feita por aquelas pessoas “de olhos azuis” que apontam para outra

25 Ibid.

26 *New York Times*, 4 de novembro de 2010.

27 *New York Times*, 4 de setembro de 2010.

imagem de Lula. É, por exemplo, a indignação precoce e hostilidade de Lula contra a Suíça quando ele, em 2009, depois de um suposto ataque extremista contra uma brasileira, acusou a Suíça de racismo e seus ministros quiseram levar o caso para a ONU, até alguns dias depois ficar claro que a vítima havia se mutilado. Ou sua falta de medida quando, em 2007, por ocasião da retomada das obras de Angra 3, garantiu que “nunca acontecerá no Brasil o que aconteceu em Chernobyl”. Ou quando irrompe em generalizações investindo contra ambientalistas europeus, dizendo-se indignado ao ver “que muitos dos dedos que apontam contra a energia limpa dos biocombustíveis estão sujos de óleo e carvão”. São também seus acessos verbais contra os ambientalistas brasileiros, a quem acusa de falta de compreensão pelo que é verdadeiramente importante para o Brasil. Some-se a isso episódios como o não cumprimento da palavra com o bispo da diocese de Barra, no Nordeste, Dom Luiz Cappio, a quem Lula em 2005 prometera diálogo e sustentabilidade no projeto de transposição do Rio São Francisco, tendo rompido a comunicação pouco depois para realizar o projeto contra todas as resistências locais. São as observações parcialmente pejorativas de Lula sobre os indígenas que resistem contra o progresso por ele propagado em forma de megabarragens e que simplesmente taxou de obstáculos ao desenvolvimento. Tudo isso são sons dissonantes que, no exterior, muitas vezes, não passam de notas de pé de página, mas que, olhadas de perto, são importantes para entender Lula e a sua concepção de paradigma de desenvolvimento para o Brasil.

Isso porque apesar da demanda de Lula de ouvir todos os brasileiros e lhes ajudar a ter acesso aos seus direitos, são justamente as pessoas atingidas pelos megaprojetos e pela valoração de territórios inteiros que ele não escutou. São os Guarani-Kaiowá do Mato Grosso do Sul que defendem suas terras contra plantadores de cana de açúcar e barões da pecuária, correndo risco de serem assassinados por pistoleiros de aluguel nos conflitos em torno de terras. Eles fazem parte dos perdedores do modelo de desenvolvimento aparentemente tão bem-sucedido aos olhos da opinião pública mundial. Ou a população local atingida pelos projetos de mineração, cuja água potável é poluída e cujos pulmões estão negros com a poeira das minas. São os índios Kayapó do Rio Xingu, que perdem suas terras com a usina de Belo Monte e se defendem, a quem Lula acusa de impedir o desenvolvimento. São as populações da floresta, que com sua economia extrativista vivem em harmonia com a mata – e a quem é roubada sua base de subsistência, primeiro pela máfia das madeireiras, depois pelos barões pecuaristas e, finalmente, pela monocultura da soja. São os ribeirinhos do Rio Madeira que há gerações adaptam sua economia aos mangues na várzea – e cuja colheita não depende mais das estações do ano, e sim das decisões dos administradores da barragem. São os pequenos pescadores locais, cujas redes ficam cada dia mais vazias por causa dos poluentes das minas ou das indústrias em seus rios. São as mulheres do semiárido nordestino, proibidas de buscar água no canal porque o latifundiário precisa dela para suas lavouras que visam lucro rápido. São os sem-teto das metrópoles, cujos aluguéis explodem com o crescimento da bolha imobiliária. São milhões de sem-terra brasileiros, a quem a

Constituição promete terra com a reforma agrária, mas que esbarram nas cercas das fazendas de soja no Centro-Oeste do Brasil que fornecem ração para as fábricas de carne animal da Europa para que o bife do europeu continue barato.

No entanto, muitos deles, embora sejam perdedores do modelo, deram seus votos a Lula e a sua sucessora Dilma por falta de encontrar alternativas atraentes entre os outros candidatos. De qualquer maneira, nas eleições para a “era pós-Lula”, os candidatos praticamente apostavam quem seria o melhor “Lula”.

Para observadores do exterior, os números macroeconômicos impressionantes, a expansão da infraestrutura e a evidente redução da pobreza no país é ao mesmo tempo sedutora e surpreendente. Afinal, o Brasil sempre esteve sob a alcunha de “país do futuro” (Stefan Zweig). Um futuro que sempre continuaria ali – não no “agora” do tempo presente, mas sim sempre no “amanhã”. Consequentemente, políticos e jornalistas estrangeiros vêm disputando quem mais elogia o modelo de desenvolvimento brasileiro, o Brasil que emerge, que está “bem na frente”. Mas vale a pena olhar mais de perto.

A partir do simples ponto de vista de uma industrialização – inclusive agricultura mecanizada – que tenta recuperar o tempo perdido, gerar e manter a criação de valor no país, o modelo de desenvolvimento propagado por Lula parece coerente. Explorar as matérias-primas cobiçadas no exterior, como minérios, soja, cana de açúcar, celulose e outras, ao mesmo tempo em que fomenta a indústria e cria mais valor do produto no próprio país é uma acepção clássica de desenvolvimento que – no caso de Lula, associado a diversos programas sociais – justificadamente deve ser visto como conceito sociodemocrático de modernidade e desenvolvimento.

Ao mesmo tempo, esse modelo de desenvolvimento orientado para o crescimento causa consequências que o governo frequentemente vê como efeitos colaterais, mas que têm resultados profundos para a população atingida localmente. Os ribeirinhos e indígenas expulsos pela construção de megabarragens nos Rios Xingu e Madeira podem atestar isso, assim como os pescadores e vizinhos da siderúrgica TKCSA no Rio de Janeiro, empreendimento conjunto da ThyssenKrupp com a Vale. Neste último caso, a ideia de produzir mais valor no país em forma de placas de aço corporifica o ideal de Lula. Há poucos anos, um ministro próximo de Lula, perguntado pelo ideal desenvolvimentista do presidente, respondeu: “Siderúrgicas, siderúrgicas, siderúrgicas”. Não se deve subestimar, nesse contexto, a formação política de Lula enquanto sindicalista da indústria. Assim, a usina de Belo Monte na Amazônia e a siderúrgica TKCSA no Rio de Janeiro são simbólicas para o panorama das fantasias desenvolvimentistas do ex-metalúrgico – industrialização tardia mais energia. Quem paga a conta é a população local.

Foi a esses problemas que o exterior não prestou e nem presta suficientemente atenção, pois a imagem esboçada pelo observador externo de Luiz Inácio Lula da Silva sobrepuja esses sons dissonantes. No Brasil, foi dito que Lula era “o dobro do tamanho de seu partido”. No exterior, a imagem de Lula às vezes parece ser do tamanho do próprio país. E ele não parecia exatamente desgostar disso. Assim, é verdadeira a imagem do Lula simpático, “amigo de todo mundo”, educado e cordial,

com carisma e aura, com uma animação que às vezes até causa estranhamento para europeus frios, o Lula que gosta tanto de conversar, que usa essa sociabilidade e confiança nas conversas da esfera política pré-institucional, e que empresta à sua ação no espaço político institucional a autenticidade que ele irradia. Mas da mesma forma não se deve deixar de ver que, se as vozes dissonantes tivessem sido levadas em consideração no processo de construção da *imago* de Lula no exterior, sua imagem poderia ser diferente. Mas não foi esse o caso.